

De louca à *brucha* nos jornais: o silêncio público como punição de mulheres negras no Ceará ¹

Ana Tays do Nascimento FERREIRA ²

Elane Abreu de OLIVEIRA ³

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Este é um recorte de pesquisa que identifica mulheres negras mencionadas em registros e documentos históricos do Ceará, particularmente no século XX. Maria Caboré e D. Raimunda de Tal surgem no contato com bibliografia, fundamentada em relatos e jornais. Com suas diferenças, ambas aparecem em narrativas atravessadas pela loucura e silenciamento público. Atentamos aqui para a curandeira D. Raimunda de Tal, citada em jornais da década de 30, chamada de *brucha* e perseguida publicamente. Estigmatizada, silenciada e afastada de seu território, a punição desta mulher é também reforçada pela linguagem jornalística da época.

PALAVRAS-CHAVE: mulher negra, jornais; loucura; Ceará; silenciamento.

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Imagens límbicas na comunicação: arquivos, ficções e im-possibilidades afrodiáspóricas na fotografia”, do Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais (Limbo) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), que visa, dentre outros propósitos, identificar mulheres negras mencionadas em documentos históricos e invisibilizadas no Cariri e no Ceará dos séculos XIX e XX. Como ponto de partida, chega-se à Maria Caboré, natural da cidade do Crato - CE, mulher negra marginalizada, rotulada como louca e santa nas décadas de 20 e 30. Sendo seu túmulo hoje um lugar de devoção e fé, Caboré não teve em vida um reconhecimento digno ou respeitável.

“Mendigar e ‘prestar serviços’ para Maria Caboré não era escolha. Ser explorada, abusada, humilhada e ridicularizada também não era” (GONÇALVES, 2018, p. 18). A situação subalterna de Caboré está relacionada, para além da sua “loucura”, à cor da sua pele. Andava pelas ruas do Crato esperando pela volta do Rei do Congo,

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Interfaces Comunicacionais do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Graduanda em Comunicação Social - Jornalismo pela UFCA, email: ana.tays@aluno.ufca.edu.br

³ Orientadora do trabalho, professora do Curso de Jornalismo do IISCA-UFCA e doutora em Comunicação e cultura pela ECO-UFRJ, email: elane.abreu@ufca.edu.br

cantando seus benditos, submetida à libertinagem e “prestando serviços” aos cratenses. Sofredora e humilde, como dita a população, morreu de diversas formas: ora pela peste bubônica, que atormentava aquela época; ora por suas loucuras que, finalmente a levaram até o Rei do Congo. Com sua morte veio sua santidade. Santos (2009) comenta que a construção pela devoção acontece em decorrência da morte e vida sofrida, seguidas do apego à pureza e inocência conhecidas durante a vida. “Vemos assim a mulher que de prostituta tornou-se virgem camponesa e miraculosa” (SANTOS, 2009, p. 124).

A vivência de Maria Caboré provocou o pensamento sobre quantas “Marias” são violentadas e transformadas em santas pela própria comunidade. A busca pelas “Marias negras” silenciadas se estendeu aos currais do governo em 1932, despertando um olhar para o livro “Isolamento e Poder: Fortaleza e seus campos de concentração na seca de 1932”, da autora Kênia Sousa Rios (2014). Em seu último capítulo, há o tópico “Médicos e Curandeiros” em que é citada a presença de “D. Raimunda de Tal”, curandeira que desafiou o médico Dr. José Jacome, causando euforia na imprensa local. O capítulo em específico indica alguns jornais da cidade de Fortaleza (CE) como responsáveis pela aparição e desaparecimento da santa popular.

No livro a autora traz trechos dos pedidos do Dr. José que tinha a intenção de interromper os serviços da curandeira Raimunda de Tal. “Sr. Diretor, peço-vos conseguir o afastamento, desta área, da curandeira Raimunda de tal que vem interrompendo os serviços...” (*O Nordeste*, 1933 *apud* RIOS, 2014, p. 104). Sem sobrenome divulgado, D. Raimunda foi descrita como “brucha” e silenciada de forma pública através do jornal *O Nordeste* no dia 23/03/33. “Fanáticos da Terra”, como eram chamados os seguidores de Raimunda, contam que ela era uma santa enviada por Deus, faleceu e por ordem dos céus voltou à Terra depois de 24 horas com poderes de cura ou previsão da morte de alguém.

A história de Maria Caboré reverbera em Raimunda de Tal, mulher sofrida, humilde e santa popular. As manchetes dos anos 30 sempre tratavam o “sertanejo da Seca” como ignorante e de religião deturpada. Quando se tratava das mulheres, o cenário era ainda pior. “A linguagem dos jornalistas configurava-se em uma tonalidade quase sempre irônica, na qual o outro aparecia como uma espécie de espelho invertido” (RIOS, 2014, p. 108). Esses fatos noticiosos ressoam na conduta dos desaparecimentos

das mulheres negras que desafiaram os grandes políticos. Silenciadas de forma explícita ou não, seus registros são excluídos ou “esquecidos” dificultando a continuidade e manutenção de suas histórias.

Diante do “não dito”, em busca de recontar a história, é preciso mudar a vertente da mulher sofrida até que a devoção popular a transforme em heroína. “Bruchas” como D. Raimunda poderiam ter salvado a vida de muitos flagelados durante a Seca do Quinze cearense, mas, sob perseguição pública, sobram os estigmas dos jornais. Os resultados desta pesquisa implicam, além do conhecimento da vida de mulheres negras, em reflexões sobre como a sociedade exclui e santifica as minorias, e sobre como o passado negro pode ser imaginado em perspectivas presentes e futuras. “Não se trata de fatalidade histórica à qual estariam sujeitas as sociedades, sob a condição de conceberem o próprio futuro de terem uma visão dele e de agirem no tempo presente para transformar a realidade” (SARR, 2019, p. 133).

Relações de poder entram em jogo na satanização ou santificação de mulheres curandeiras. Silva (2018) declara que as “bruxas” eram consideradas mulheres satânicas e seus pactos causariam malefícios à sociedade. “Mas as autoridades estavam muito mais centradas no resultado das suas práticas, ou seja, no malefício, do que na sua relação com o demônio” (SILVA, 2018, p. 44). Os malefícios citados nesse trecho fazem referência às ameaças causadas ao poder político, pois mulheres com “poderes de cura” detinham domínio populacional com maior facilidade. O que Raimunda de Tal sofria tem também relação com esse “malefício” e a conversão da cura em bruxaria se associa ainda à punição de um fazer e um saber julgados como inferiores, por não seguirem o que dita a razão científica, ou seja, a medicina do Dr. José Jacome. Sem títulos que a consagrasse, “de Tal” foi então descredibilizada com a ajuda da imprensa local.

O registro documental é um caminho para a observação dos vestígios das mulheres negras silenciadas. É com base nos dados escassos encontrados em jornais, acervos, revistas, dentre outros, que podemos construir narrativas afrodiáspóricas alternativas, capazes de identificar e modificar os olhares negros ameaçados. Ainda que os rastros de épocas sejam limitados, perseguimos os silêncios e não-ditos da história documentada. A pesquisa percorre acervos documentais do Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), cordéis e dos jornais *O Nordeste*, *O Povo* e *Gazeta de Notícias*, dos anos 1930 a 1934. Apesar de identificar os locais de pesquisa, o acesso aos documentos



é bastante restrito. De forma digital os registros dos jornais *O Nordeste* dos anos de 1932 a 1934 não são encontrados. No atual escopo desta pesquisa, ainda não foram acessados os jornais originais, mas há o empenho e possibilidade de investigá-los em busca de outros silenciamentos negros.

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, F. **Santa Loucura**: Maria Caboré nas memórias dos cratenses. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Regional do Cariri. Crato, p. 45. 2018.
- RIOS, K. S. **Isolamento e poder**: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. repositorio.ufc.br, 2014.
- SANTOS, C. **No Entremeio dos Mundos**: Tessituras da Morte da Rufina na Tradição Oral. Dissertação (Doutorado em História) - Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, p. 229. 2009.
- SARR, F. **Afrotopia**. Paris: Éditions Philippe Rey, 2016. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 1º ed, 2019.
- SILVA, C. R. **Com quantos medos se constrói uma bruxa? Misoginia e demonização da mulher no Brasil Colonial**. Campos - Revista de Antropologia, v. 19, n. 2, 31 jul. 2019.